

## ECOMUSEU MARINHA DA TRONCALHADA – CENTRO INTERPRETATIVO: IMPULSIONADOR DAS SALINAS DE AVEIRO

Ana Gomes\* e Gabriela Mota Marques\*\*

*Resumo:* O sal, associado à laguna, continua a ser um ponto de referência de Aveiro, para além de representar um elemento da sua identidade e especificidade, constituindo uma mais-valia local. Há por isso que explorar esse valor como atractivo turístico numa perspectiva de gestão integrada de preservação e de promoção de património cultural e natural e do desejado desenvolvimento sustentável.

É nesse sentido que surge o Ecomuseu marinha da Troncalhada – Centro Interpretativo onde o sal ganha nova ênfase na perspectiva económico-social.

*Palavras-chave:* sal, ecomuseu, centro interpretativo, Museu da Cidade, sustentabilidade, turismo cultural, paisagem.

### Contexto

Os elementos de perpetuação do património cultural e da sua diversidade levam a que as sociedades actuais procurem ajustar a oferta às suas necessidades. Neste contexto, os museus aceitam moldar-se, modificar-se face às exigências que lhe são feitas conjugando as respostas com o cativar dos seus potenciais visitantes. Neste capítulo, as salinas integradas na Ria de Aveiro, enquanto elemento natural, paisagístico, biológico, geológico, etnográfico, antropológico e histórico, não são excepção e pretendem adaptar-se aos requisitos do seu público. Por esse facto, a Marinha da Troncalhada, salina onde se conserva a produção de sal segundo métodos artesanais, surge como espaço museológico que une o ambiente natural e humano numa tentativa de preservar o equilíbrio da relação entre ambos.

Aliás, tendo em linha de conta este binómio homem/natureza, nos anos 90, procedeu-se à recuperação da Marinha da Troncalhada com objectivos lúdico-pedagógicos seguindo o conceito de *ecomuseu*. Pela sua implantação, este equipamento museológico assumia, predominantemente, um cariz de paisagem natural, associada à laguna. Hoje, fruto de uma outra percepção do espaço, compreende-se o ecomuseu como fazendo parte de uma realidade urbana e não puramente natural.

Existe, desta forma, uma interacção entre o ecomuseu e o território em que se in-

\* Chefe de Divisão de Museus e Património Histórico da Câmara Municipal de Aveiro; agomes@cm-aveiro.pt

\*\* Técnica Superior da Divisão de Museus e Património Histórico da Câmara Municipal de Aveiro, mgmarques@cm-aveiro.pt

sere, entendendo-se este como uma aliança entre cidade / laguna e implementando, deste modo, o papel de *museu de território*, que lhe confere um sentido global. Abarcam-se, assim, não só os limites geográficos, mas também os traços sociológicos, culturais e histórico-económicos de toda a região, que se reconhece nesta teia de relações biológicas, humanas, físicas [Davis, 1999: 4] que caracterizam o complexo e único sistema das salinas. No fundo, será expressar a sua perspectiva de museu vivo, se por museu entendermos, nas palavras de Sérgio Lira, um objecto de cultura, de deleite espiritual, de prazer estético, de conhecimento científico, de puro entretenimento que se usa [Lira, 2005].

### A identidade: palco, actores e obra

*“Que futuro para o salgado?”*

A pergunta, patente no hebdomadário *Correio do Vouga* data de Maio de 2003, mas poderia reflectir a manchete de um outro periódico local de décadas anteriores. Aliás, tomando como referência os finais do século XIX e o século XX, a imprensa local levanta com insistência este assunto, fazendo do sal a notícia e revelando o quanto a actividade salícola é determinante para a comunidade, não só como fonte de rendimento, mas também e muito como sua imagem e identidade<sup>1</sup>.

Uma das referências recorrentes conduz à questão da produção anual de sal avaliada em termos quantitativos, tanto numa perspectiva do total do salgado como por cada marinha. Dessa realidade é exemplo a notícia publicada pelo *Povo de Aveiro*, em 1882,: “Para se avaliar a importância da industria salina d’esta cidade, damos em seguida a estatística do sal expelido só pela estação do caminho de ferro d’Aveiro nos anos de 1880 e 1881: Em 1880:6:051:711 kº - 613 wagons. Em 1881: 7:170:013 Kº - 727 wagons (...)” [*O Povo de Aveiro*, 19.03.1882:3]. Subjacentes a estas questões estão as políticas de preços dando perspectivas de mercado, formas de escoamento de produto, dados de metrologia, bem como as directrizes municipais de controlo da actividade.

Este tipo de fonte, para além das informações com um carácter, predominantemente, económico, têm implícitas, de igual modo, realidades do foro antropológico e social que se podem expressar sob a forma de notícias sobre a contratação dos moços, os vários trabalhos decorrentes da safra, e as vivências [festas, romarias ou o próprio quotidiano].

A importância do sal para a comunidade local não se resume nem traduz, apenas, neste tipo de documentação<sup>2</sup>.

Outras fontes, como as de natureza cartográfica, reforçam o papel desta actividade e, ainda que de forma nem sempre exacta, ajudam a localizar e delimitar a área das marinhas face à laguna e à Vila/Cidade, contribuindo para uma percepção da evolução do próprio território e da construção da paisagem, ao longo dos séculos.

<sup>1</sup> Periódicos como o *Campeão das Províncias*, *O Povo de Aveiro*, *O Democrata* ou, mais recentemente, *Litoral* e o *Correio do Vouga* reproduzem esse reportório de contas, números, preocupações e alegrias em torno da prática da salicultura.

<sup>2</sup> Como é sobejamente conhecido, a primeira referência escrita a Aveiro, remontando ao século X, expressando já a relevância da produção de sal. Trata-se do testamento da Condessa Mumadona Dias doando um conjunto de bens ao cenóbio de Guimarães, entre os quais se encontram salinas em Aveiro [Mahdahl, 1959: 2-6].

Exemplos disso: o mapa de 1634 de Pedro Teixeira [www.arkeotavira.com/Mapas/Teixeira/índex.pdf]; a planta da Vila e Ria de Aveiro, datada do século XVIII, da autoria de Carlos Mardel [Museu de Aveiro | IMC,IP] ou, já em 1874, a Planta indicativa do plano d’obra para melhoramento da Barra d’Aveiro [AHD-APA]. Entrando pelo século XX, com a proliferação da imagem fotográfica, inúmeros são os testemunhos que retratam a paisagem salícola que se vislumbra a partir da cidade, bem como as actividades e vivências que lhe estão associadas<sup>3</sup>. Já os ortofotomapas ajudam a perscrutar, dos céus, as marcas fossilizadas da actividade no território.

Para além deste tipo de registos outros há, ainda, que contribuem para o conhecimento e análise destas mutações. Tomando como exemplo o Inquérito à Industria do Sal realizado, em 1956, pela então Comissão Reguladora dos Produtos Farmacêuticos, surgem registadas 270 marinhas [Amorim, 2005:124], número este considerável, muito embora já no anos 60 se escrevesse sobre a problemática da sustentabilidade e da necessidade de “acudir à industria salineira” [*Litoral*, 02.07.1060: 7].

As suas características conserveiras, em particular na salga do peixe [exemplo disso o bacalhau, cujo grosso da frota pesqueira se concentrava na região de Aveiro], como condimento e como ingrediente aplicado a determinadas indústrias da cariz químico e farmacêutico, para além do seu uso como técnica de vidro cerâmico, justificaram a sua fama e a sua procura. Dando emprego a parte da população local, em torno do sal de Aveiro formou-se uma comunidade com manifestações e vivências peculiares.

Desta realidade com cinquenta anos subsistem, hoje, no activo, unicamente, nove salinas, tendo em linha de conta que uma das quais [a Marinha da Troncalhada] tem subjacente à sua laboração objectivos culturais sob a forma de ecomuseu. Significa isso que, hoje em dia, a produção é consideravelmente diminuta se comparada com os registos, levantamentos e inquéritos feitos outrora à safra do sal. As regras do mercado que impõem uma feroz concorrência de sais provenientes de outras paragens, mesmo de fora de Portugal; o desinteresse por uma actividade sazonal e de dividendos incertos; a conversão das marinhas noutros sectores como a piscicultura ou a identificação do sal como produto mineiro explicam as diferenças.

Não obstante esta descrição menos optimista da actualidade existe um *reverso da medalha*: o sal continua a ser um dos *ex-libris* de Aveiro e motivo de visita à cidade, associado ao interesse pela singularidade da paisagem lagunar que oferece a Ria. Da mesma forma, a procura desse sal, produzido nas marinhas locais em mol-des artesanais, é uma realidade fazendo persistir um pequeno grupo de marnotos/produtores, empenhados em dar continuidade à tradição e em fazê-la renascer.

## O património

Se os dados disponíveis parecem mostrar um cenário pouco prometededor para o sal de Aveiro, alguns actores acreditam na sua viabilidade económica, muito embora com valências que vão além da produção artesanal e da comercialização directa do produto. A procura de novos mercados/novos produtos, como garante de continuidade desta actividade e com o recurso a programas de fundos estruturais comu-

<sup>3</sup> A Imagoteca Municipal de Aveiro, instalada no Museu da Cidade de Aveiro, possui uma colecção alargada de documentação fotográfica sobre a temática sal/cidade.

nitários é tida como a oportunidade para revitalizar o sector. É neste contexto que ganha corpo o projecto *Sal do Atlântico*, uma parceria transnacional no âmbito do programa Interreg IIIB que envolve trinta parceiros de Portugal, Espanha, França e Reino Unido. Tal como refere a sua denominação, o projecto tem como missão a “Revitalização da identidade das salinas do Atlântico. Recuperação e promoção dos potenciais biológicos, económicos e culturais das zonas húmidas costeiras”. Isto é, o *Sal do Atlântico* procura a valorização de uma actividade de cariz tradicional, tendo subjacente o reconhecimento do produto ao nível comunitário, a que se associa a sua forte vertente de património cultural e natural.

Aproveitar a oportunidade oferecida por este projecto, ao garantir a troca de ideias e de experiências com os congéneres nacionais e europeus, procurando unilos em torno de um objectivo comum que a todos trará dividendos, revelou-se, assim, o momento fulcral. Desta forma, várias são as iniciativas que têm vindo a ser desenvolvidas pela CMA, a qual reforçou a componente turística. É nesta perspectiva que se enquadram as acções associadas à dinamização e valorização do Ecomuseu. Estas acções incluem:

#### Quadro 1 – Acções da responsabilidade da CMAveiro no âmbito do projecto Sal do Atlântico

##### Acção • iniciativa

##### Objectivos

- Estudo sobre o salgado de Aveiro
- Diagnosticar a sua real e actual situação como intuito de definir estratégias de actuação futura

##### Consultoria histórica

- Congregar informação a partir de fontes documentais visando a constituição de uma base de dados a disponibilizar no Centro Interpretativo e Ambiental do Ecomuseu Marinha da Troncalhada

##### Valorização económica e social

- Constituir a Fena.Sal [Federação Nacional de Produtores de Sal Marinho Artesanal],
- Criar estruturas associativas locais [Associação de Produtores e Marnotos da Ria de Aveiro];
- Fomentar o reconhecimento da profissão de marnoto através da formação e da certificação do produto e da unidade produtiva.

##### SIG / Instrumentos de Gestão de Território

- Sistematizar informação com o intuito de criar instrumentos de gestão

##### Rota do Sal do Atlântico

- Criar a rota internacional das salinas do Atlântico;
- Colocar Aveiro nos meios de difusão turística internacionais;
- Promover o Ecomuseu Marinha da Troncalhada;
- Revitalizar a salicultura tradicional e a paisagem

##### Infraestruturas

- Dotar o Ecomuseu de novas valências que valorizem o seu serviço lúdico-pedagógico.

##### Promoção

- Realizar acções de divulgação e promoção do sal artesanal [feira de sal, exposição itinerante, seminários e workshops, notas de imprensa];
- Executar material promocional [folhetos, painéis explicativos];
- Participar em certames nacionais e internacionais.

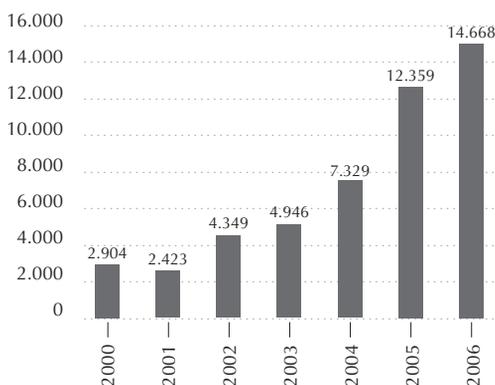
## O projecto: conceito(s), missão, gestão e obra

A promoção de um desenvolvimento sustentável dos recursos da Ria, o fomento de acções concertadas entre entidades, a oferta dos seus produtos a um público exigente e motivado para o património cultural, a sua inserção em rotas turístico-culturais de âmbito internacional onde se possa afirmar pela sua singularidade, tudo isto poderá funcionar como mecanismo de salvaguarda.

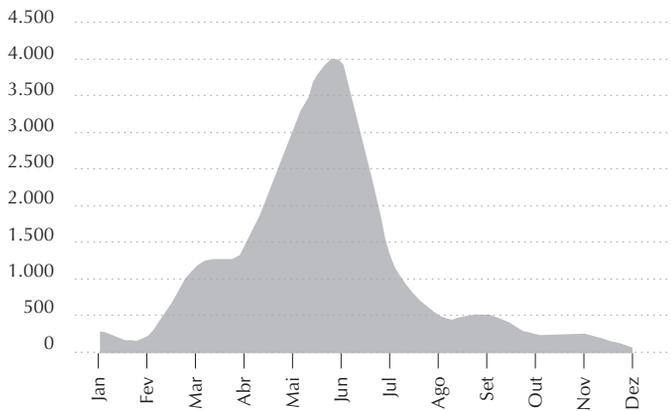
É nessa perspectiva que a percepção do Ecomuseu Marinha da Troncalhada como património museológico faz sentido e tem condições para vigorar, para além de reforçar o sentimento de pertença das suas comunidades e de recuperar a memória colectiva. Desta feita, tem como missão, enquanto identidade de lugar, “a recuperação da Memória Colectiva de um grupo sócio-económico, cuja actividade caracterizou profundamente a cidade de Aveiro, demonstrando a especificidade dos trabalhos do salgado aveirense e os seus métodos de produção artesanal” [CMA, 1999]. Na sua perspectiva de museu de território, a missão do “ecomuseu abarca, não só tudo dentro da sua área geográfica, mas também dá ênfase à complexa teia de relações entre sistemas físicos, químicos, biológicos e actividade humana.” [CMA | DMPH, 2006].

Causa deste alargar da missão e, por inerência, das transformações das próprias teorias museológicas, o ecomuseu, enquanto equipamento cultural de serviço público, tem vindo a registar, desde a sua abertura, em 2000, um número crescente de visitantes [Gráfico 1], os quais, muito embora repartidos pelo ano, se concentram, como será previsível, no período de safra do sal [Gráfico 2].

Gráfico 1 Número de visitantes 2000-2006 (visitas guiadas e marcação prévia)



Fonte: CMA | DMPH, Análise estatística, 2007

Gráfico 2 *Distribuição de visitas ao longo de 2006*

Fonte: CMA | DMPH, Relatório de Gestão 2006

### **Ecomuseu da Marinha da Troncalhada | Centro Interpretativo e Ambiental Programa Museológico**

A crescente procura do Ecomuseu Marinha da Troncalhada, que se resume a uma marinha a funcionar em moldes tradicionais, e as políticas museológicas actuais estão na origem da necessidade de repensar o serviço público que é prestado e, por consequência, a sua missão.

A resposta a essas exigências levou, em primeira instância, a equacionar a gestão e dinamização deste equipamento numa perspectiva integrada, perfeitamente justificável tendo em linha de conta a implementação do *Museu da Cidade de Aveiro*, desenvolvido num conceito de museu polinucleado, composto pelo Museu da Cidade [centro nevrálgico], pelo Núcleo Arte Nova, pelo Ecomuseu Marinha da Troncalhada e Museu – Centro Interpretativo e Ambiental e pelo Museu Etnográfico de Requeixo [Figura 1].

Neste universo, o Ecomuseu Marinha da Troncalhada – Centro Interpretativo e Ambiental assume um papel de extrema relevância, uma vez que, sendo um dos elementos da identidade local com maior expressão e ao representar um espaço cultural que regista um número considerável de visitantes, constitui, desta forma, uma mais-valia para a formação de públicos no âmbito do referido Museu da Cidade.

Assim, neste contexto de exigida gestão de públicos, torna-se essencial a existência de um espaço de acolhimento e contextualização pedagógica formulado numa lógica de serviços educativos integrados num conceito global do projecto que abaixo de esquematiza.

Figura 1 *Linha conceptual do Museu da Cidade de Aveiro*

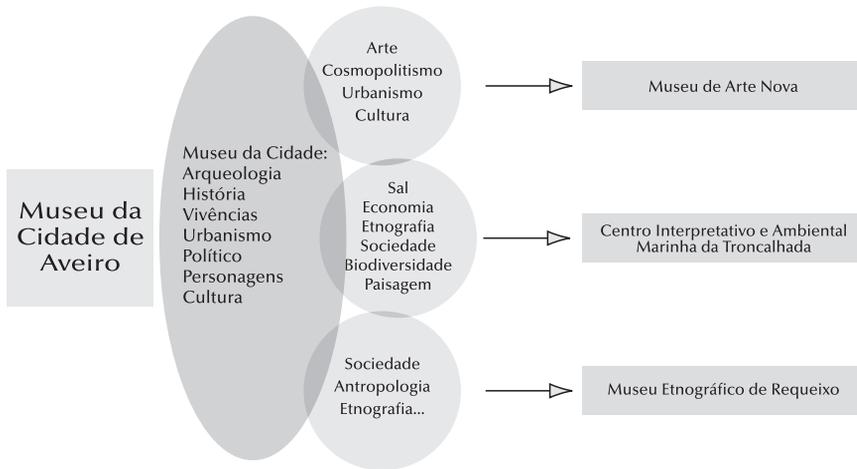


Figura 2 *Circuito de visitas do Museu da Cidade de Aveiro (gestão integrada)*

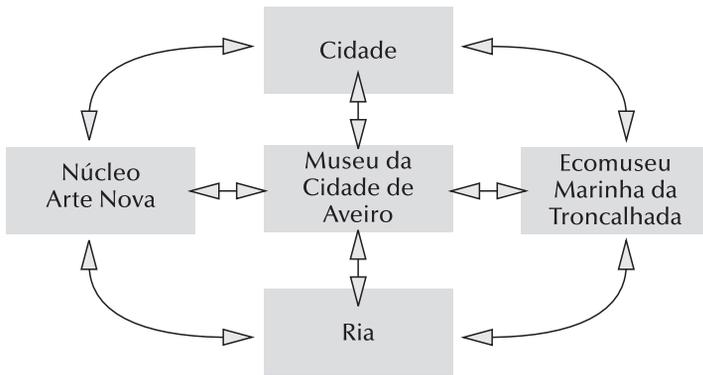
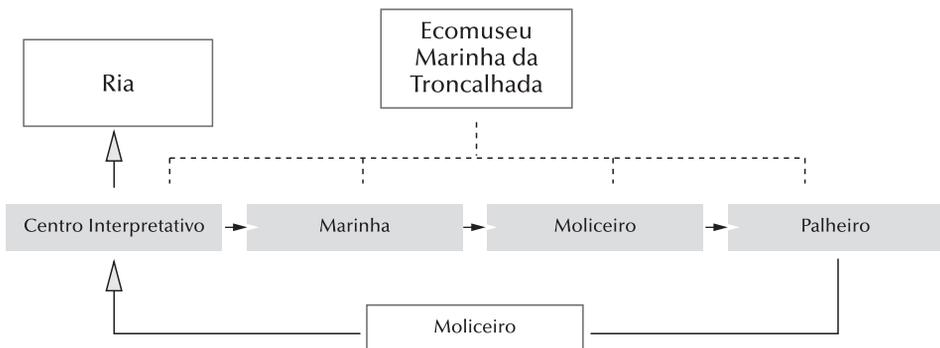


Figura 3 *Circuito de visita do Ecomuseu Marinha da Troncalhada*



## Projecto de arquitectura

O Centro Interpretativo e Ambiental do Ecomuseu Marinha da Troncalhada foi projectado para ocupar um lugar de destaque na paisagem lagunar e servir de equipamento de apoio pedagógico à já existente Marinha da Troncalhada. Explica-se, deste modo, a sua proximidade física e, em paralelo, o distanciamento necessário para garantir que o visitante usufrua de modo complementar das duas realidades [ria/salina].

O projecto de arquitectura, de linhas contemporâneas, foi concebido pelo *\*atelier de santos, arquitectura* no âmbito do programa Aveiro POLIS, cujo programa de intervenção se desenvolveu num espírito de valorização da frente lagunar do espaço urbano. Com uma área útil total de cerca de 205 m<sup>2</sup>, o espaço compreende um átrio principal e um átrio de serviço exterior; a recepção e a portaria; um espaço polivalente/expositivo; os gabinetes de trabalho e as áreas de reserva/área técnica.

A ligação entre a marinha e o centro Interpretativo é assegurada por percurso pedonal e ciclável, acompanhando o Canal Principal que ladeia toda esta área salícola. Aliando a perspectiva pedagógica ao lazer, este percurso estende-se até ao centro da cidade através da construção de uma ponte móvel sobre o Canal das Pirâmides [eclusas] e usufruindo, em simultâneo, da intervenção urbanística ao longo do Canal de São Roque.

Obedecendo aos conteúdos programáticos museológicos, este acesso garante a interrelação Ria/cidade, do mesmo modo que reforça a estratégia de gestão integrada de visitas/públicos ao Museu da Cidade de Aveiro, entendido enquanto rede equipamentos culturais similares que tem subjacente a sua sustentabilidade.



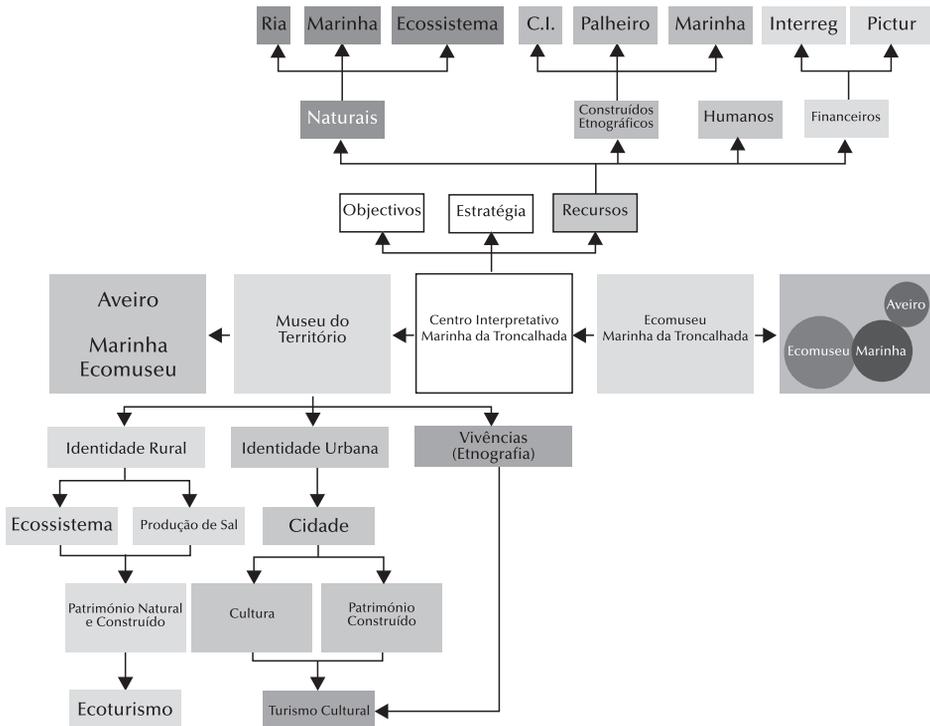
Figura 4 – localização do Centro Interpretativo e Ambiental e da Marinha da Troncalhada

**Notas finais**

O sal constituiu um dos elementos relevantes da identidade cultural de Aveiro, fruto de uma prática secular com forte peso na sociedade e economia locais, apesar da diminuição na produção e, por inerência, da sua presença na paisagem registada nas últimas décadas e acentuada nos anos mais recentes. É nesse contexto que se afirma o papel do Ecomuseu Marinha da Troncalhada como um forte contributo para sustentabilidade das salinas.

Muito embora tendo como objectivo primeiro a componente pedagógica, afirma-se ainda, face à sua localização, como um elemento da paisagem salícola e de ecossistema e, simultaneamente, como o impulsionador de políticas de salvaguarda, de preservação e fruição tendentes à sua revitalização.§

Figura 5 Estratégias de gestão



## Fontes

*Correio do Vouga*, Aveiro [Maio de 2003]

*O Litoral*, Aveiro [Julho de 1960]

*O Povo de Aveiro*, Aveiro [Março de 1882]

AHD-APA [1874] Planta indicativa do plano d'obra para melhoramento da Barra d'Aveiro.

Museu de Aveiro | IMC. IP, Planta da Vila e Ria de Aveiro

*Mapa do Porto da Foz do Rio Vouga in Pedro Teixeira Mapa del Rey Planeta* [1634] [www.arkeotavira.com/Mapas/Teixeira/index.pdf](http://www.arkeotavira.com/Mapas/Teixeira/index.pdf), consultado em 20 de Outubro de 2006.

## Bibliografia

Amorim, I. [2001] *Aveiro e os caminhos do sal. Séculos XV-XX*, Aveiro, Câmara Municipal de Aveiro.

Amorim, I [2005] *Os inquéritos sobre o sal português nos séculos XVIII a XX*, *Actas do I Seminário Internacional sobre o Sal Português*, Porto, IHM.UP | Faculdade de letras da Universidade do Porto, pp. 111-125.

CMA [1999] Projecto de Musealização da Marinha da Troncalhada [texto policopiado].

CMA | DMPH [2006] Conteúdo programático do Centro Interpretativo e Ambiental [texto policopiado].

CRPQF [1956] *Inquérito à indústria do Sal. Salgado de Aveiro*, Vol. IV, Lisboa, Comissão Reguladora dos Produtos Químicos e farmacêuticos.

Davis, P. [1999] *Ecomuseum, a sense of place*, london, Leicester University Press.

Lira, S. [2005] *Museus e consumo*, *Trabalhos de Antropologia e Etnologia*, vol. 45 [1-2], SPAE, pp. 97-103.

Madahil, A. [Coord.] [1959] *Milenário de Aveiro. Colectânea de textos históricos*, vol. I, Aveiro, Câmara Municipal.